

A difusão de *A Gente* Sujeito na variedade alagoana: um estudo de meta-análise

The Diffusion of *A Gente* Subjects in the Alagoas Variety: A Meta-Analysis Study

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória 

Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil.

E-mail: elyne.vitorio@gmail.com

Resumo

A fim de analisar a difusão de *a gente* na fala alagoana, apresentamos um estudo de meta-análise (Lovatto *et al.*, 2007; Freitag, 2021) de cinco pesquisas sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito em comunidades de fala alagoanas (Vitório, 2017; Oliveira; Nascimento, 2017; Feitosa; Vitório, 2018; Souza; Vitório, 2021; Silva, 2023). Nosso objetivo é apresentar generalizações sobre a difusão de *a gente* na variedade alagoana, tomando por base a interferência das variáveis sociais comunidade, escolaridade e faixa etária, de modo a responder à seguinte questão: qual o comportamento de *a gente* na variedade alagoana? Nossos dados mostram que *a gente* é a variante preferida em Alagoas, com um percentual de uso menor em comunidades com traços rurais e entre falantes menos escolarizados dessas comunidades, bem como estamos diante de uma mudança em curso na direção de *a gente*, mas com um ritmo mais lento de implementação em comunidades com traços mais rurais, o que parece sugerir que estamos diante de um processo de mudança que seja condicionado pelo *continuum* rural/urbano (Bortoni-Ricardo, 2004).

Palavras-chaves

A gente sujeito; Variação; Meta-análise; Alagoas.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Leonie Ette
Miguel Gutiérrez Maté
Patricia de Ramos

Recebido: 07/06/2024

Aceito: 20/10/2024

Como citar:

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. A difusão De *A Gente* sujeito na variedade Alagoana: um estudo de meta-análise. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64304, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64304>

Abstract

In order to analyze the diffusion of *a gente* in Alagoas speech, we present a meta-analysis study (Lovatto et al., 2007; Freitag, 2021) of five studies on the variation of *nós* and *a gente* in the subject position in speech communities alagoanas (Vitório, 2017; Oliveira; Nascimento, 2017; Feitosa; Vitório, 2018; Souza; Vitório, 2021; Silva, 2023). Our objective is to present generalizations about the diffusion of *a gente* in the Alagoas variety, based on the interference of the social variables community, education and age, in order to answer the following question: what is the behavior of people in the Alagoas variety? Our data shows that *a gente* is the preferred variant in Alagoas, with a lower percentage of use in communities with more rural features and among less educated speakers in these communities, as well as we are facing an ongoing change in the direction of *a gente*, but with a slower pace of implementation in communities with more rural characteristics, which seems to suggest that we are facing a change process that is conditioned by the rural/urban continuum (Bortoni-Ricardo, 2004).

Keywords

A gente subject; Variation; Meta-analysis; Alagoas.

Introdução

Advinda, via processo de gramaticalização, do nome *gente*, *a gente* se implementou no quadro pronominal do português brasileiro entre os séculos XVII e XVIII (Omena, 1996; Lopes, 2003) e tem ocupado o espaço de *nós* para a referência à primeira pessoa do plural. Encaixado no sistema linguístico, estudos sociolinguísticos mostram que, em grandes centros urbanos, a substituição de *nós* por *a gente* na posição de sujeito está em estágio avançado e pode ser caracterizada como um processo de mudança linguística, sendo liderado majoritariamente por jovens, mulheres e pessoas mais escolarizadas (Vianna; Lopes, 2015).

Em lugares menos urbanizados, há um uso menos frequente de *a gente* (Maia, 2003; Mendes, 2007; Muniz, 2007; Foeger, 2014; Pinto; Berlinck, 2022), com comunidades rurais apresentando um ritmo de tempo mais lento para a implementação dessa variante. Mendes (2007) argumenta que o uso de *a gente* pode ser entendido como um processo de mudança linguística que vem de fora da comunidade, sendo trazido por falantes que têm mais contato com grandes centros urbanos ou usado por aqueles que são mais expostos aos meios de comunicação de massa, com o espaço urbano favorecendo mais a implementação de *a gente*.

A fim de analisar a difusão de *a gente* na variedade alagoana, apresentamos um estudo de meta-análise de cinco pesquisas sobre a variação *nós e a gente* na posição de sujeito em comunidades de fala alagoanas (Vitório, 2017; Oliveira; Nascimento, 2017; Feitosa; Vitório, 2018; Souza; Vitório, 2021; Silva, 2023). Nosso objetivo é apresentar generalizações sobre a difusão de *a gente* na variedade alagoana, tomando por base a interferência de três variáveis sociais, a saber, comunidade, escolaridade e faixa etária, de modo a responder à seguinte questão: qual o comportamento da variante inovadora *a gente* na fala alagoana?

Para sistematização e generalização do uso de *a gente* na fala alagoana, recorreremos à meta-análise, termo que “caracteriza o método estatístico de análise de evidência reunida sistematicamente” (Baena, 2014, p. 72) e que é entendida como “procedimento que combina resultados de vários estudos para fazer uma síntese reproduzível e quantificável dos dados” (Lovatto *et al.*, 2007, p. 286). A aplicação dessa metodologia em pesquisas sociolinguísticas permite traçar generalizações mais amplas sobre processos de variação e mudança linguísticas, conforme pontuam Freitag (2021), Araújo e Freitag (2021), Mendonça (2022) e Santos (2023).

Para atingir o objetivo proposto, este artigo está estruturado da seguinte forma: além desta seção introdutória, que faz uma breve apresentação da proposta do trabalho, apresentamos, na próxima seção, o aporte teórico que embasa a realização desta pesquisa, em seguida, descrevemos a metodologia adotada para sistematização e análise dos dados, na seção seguinte, analisamos e discutimos os resultados obtidos acerca da difusão da variante *a gente* na variedade alagoana, e, por fim, encerramos as discussões levantadas acerca do tema.

Meta-análise na pesquisa sociolinguística

Pesquisas linguísticas realizadas sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) têm permitido, desde a década de 1970, descrever diferentes fenômenos linguísticos variáveis situados nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, discursivo e lexical em diversas variedades do português brasileiro. A proposta laboviana defende a ideia de que a língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada, compreendendo que a variação linguística é uma propriedade inerente ao sistema linguístico e que tende a ser condicionada por restrições linguísticas e/ou extralinguísticas.

Para a descrição de regras variáveis pelo viés da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), o pesquisador precisa definir seu objeto de estudo, delimitar a amostra da pesquisa e constituir o *corpus*, transcrever, analisar e quantificar os dados e, por fim, interpretar e explicar os resultados obtidos (Guy; Zilles, 2007). Durante esse processo, o pesquisador, para delimitar seu objeto de pesquisa e prosseguir na

realização da descrição do fenômeno linguístico variável, faz uma revisão das pesquisas já realizadas sobre o fenômeno variável focalizado na pesquisa, que chamamos de revisão da literatura (Vosgerau; Romanowski, 2014).

Nas pesquisas sociolinguísticas, os estudos de revisão tendem a ser realizados por meio da revisão narrativa, que “envolve a busca não sistemática de referências a fim de compor um estudo” (Costa; Fontanari; Zoltowski, 2022, p. 132). Ao adotarmos a revisão narrativa, não fornecemos “a metodologia para busca das referências, nem as fontes de informação utilizadas, ou os critérios usados na avaliação e seleção dos trabalhos” (Botelho; Cunha; Macedo, 2011, p. 125). Essa assistemática inviabiliza a reprodução dos dados, bem como não fornece respostas quantitativas para questões sobre a atuação de uma dada variável no fenômeno estudado, o que favorece a adoção de revisões sistemáticas, como a meta-análise.

Entendida como “uma técnica estatística utilizada para combinar resultados provenientes de diferentes estudos e, com isso, produzir estimativas que resumem o todo” (Roever, 2020, p. 9), a meta-análise é uma metodologia de pesquisa. Para a sua execução, Lovatto *et al.* (2007) argumentam que o pesquisador precisa seguir cinco passos básicos, a saber, (i) definir o objetivo de pesquisa, (ii) sistematizar as informações, (iii) codificar os dados, (iv) filtrar os dados e (v) analisar os dados. Esses passos, de acordo com os autores, são chamados de procedimentos que “constituem as boas práticas e compõem a engenharia da meta-análise” (p. 289).

Desenvolvida inicialmente nas áreas de ciências sociais, educação, medicina e agricultura, a abordagem de meta-análise, para sistematizar dados linguísticos variáveis de variedades brasileiras, é proposta por Freitag (2021), com o tutorial *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?* A autora não só argumenta que o uso dessa metodologia aumenta o poder explanatório das revisões de literatura, como também propõe os seguintes passos, após a revisão sistemática, importar o conjunto de dados, realizar teste de qui-quadrado e observar os resíduos, converter as contagens em ocorrências e construir o modelo de regressão.

A meta-análise é um procedimento em que são reunidos resultados de estudos com diferentes conjuntos de dado sobre determinado fenômeno e são aplicadas técnicas estatísticas para explicar a variância dos resultados a partir de fatores comuns aos estudos. Uma vantagem em um estudo de meta-análise é eliminar vieses da revisão da literatura narrativa, em que são reportados resultados de estudo independentemente. Ao integrar as análises, o poder explanatório aumenta (Freitag, 2021, p. 1).

Araújo e Freitag (2021, p. 275) também argumentam que a meta-análise permite “traçar generalizações mais amplas a respeito de uma trajetória de mudança”.

Essa generalização aumenta a força de evidência das variáveis analisadas e o poder explanatório fornecido pelas revisões narrativas nas pesquisas sociolinguísticas. Ao considerarmos que a Sociolinguística analisa fenômenos linguísticos variáveis em diferentes comunidades e que essas comunidades podem apresentar diferentes estratificações sociais, o que reflete nas diferentes estratificações das variáveis sociais, essa técnica pode nos ajudar a padronizar os dados.

No entanto, quando realizamos estudos de meta-análise, observamos que as pesquisas sociolinguísticas não apresentam todos os dados estatísticos, principalmente dados de variáveis estatisticamente não significativas. Ao reportar dados parcialmente, comprometemos a feitura dessas análises em pesquisas sociolinguísticas. Esse problema é pontuado também por Freitag (2021) e Santos (2023), que ressaltam o compromisso do pesquisador em reportar dados das variáveis controladas na pesquisa. Sobre essa questão, Guy e Zilles (2007, p. 241) argumentam que “a falta de significância de uma relação ou efeito é, em si, um fato, uma descoberta, uma evidência, uma resposta às perguntas do pesquisador”, devendo, portanto, ser reportada.

Percurso metodológico

Para explorarmos o comportamento variável de *a gente* na posição de sujeito na fala alagoana tomando por base as variáveis comunidade, escolaridade e faixa etária, realizamos os seguintes procedimentos metodológicos: procedemos à busca e seleção de pesquisas sociolinguísticas sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na variedade alagoana; realizamos a análise de sistematização das informações e codificação e filtragem dos dados, através do uso de técnicas estatísticas, conforme Araújo e Freitag (2021), e realizamos a interpretação dos dados tendo em vista as variáveis sociais controladas nas pesquisas.

Na etapa de busca e seleção dos estudos sobre o uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na variedade alagoana, identificamos oito pesquisas sobre a variação em estudo, tendo em vista os seguintes critérios considerados: estudo sociolinguístico, variação *nós* e *a gente*, posição de sujeito e variedade alagoana, conforme Quadro 1. No entanto, selecionamos apenas cinco estudos (Vitório, 2017; Oliveira; Nascimento, 2017; Feitosa; Vitório, 2018; Souza; Vitório, 2021; Silva, 2023) e descartamos três (Vitório, 2015a; Vitório, 2015b; Vitório, 2016), tendo em vista as especificidades das amostras consideradas nessas pesquisas¹. Os cinco estudos selecionamos sobre a variação *nós* e *a gente* compõem a nossa amostra de pesquisa.

¹ Como nosso objetivo é analisar a difusão de *a gente* na fala alagoana, as pesquisas de Vitório (2015a) e Vitório (2015b) analisam a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, mas toma como amostras, respectivamente, a fala de crianças e a escrita de escolares. Já a pesquisa de Vitório (2016) descreve uma amostra de falantes com ensino superior na fala de Maceió, nível de escolarização contemplado na pesquisa de Vitório (2017).

Quadro 1 – Estudos identificados na pesquisa de buscas

Título	Tipo de trabalho	Autor/Ano
A variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL	Artigo	Vitório (2015a)
Variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> na posição de sujeito na escrita escolar	Artigo	Vitório (2015b)
Variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> na fala culta da cidade de Maceió/AL	Artigo	Vitório (2016)
A realização dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL	Artigo	Vitório (2017)
A alternância pronominal entre <i>nós</i> e <i>a gente</i> em Palmeira dos Índios	Artigo	Oliveira e Nascimento (2017)
Variação <i>nós/a gente</i> no sertão alagoano: restrição e avaliação	Artigo	Feitosa e Vitório (2018)
Variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas	Artigo	Souza e Vitório (2021)
A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha – AL	Artigo	Silva (2023)

Fonte: elaboração própria

Os estudos selecionados (Vitório, 2017; Oliveira; Nascimento, 2017; Feitosa; Vitório, 2018; Souza; Vitório, 2021; Silva, 2023) seguem a metodologia da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), o que significa considerar que focalizam a análise de uma regra variável e aplicam análise estatística para observar a frequência dos dados e inferir associação entre a distribuição da variável resposta e as variáveis predictoras. Ao identificarmos e selecionarmos os estudos primários que compõem esta meta-análise, extraímos as seguintes informações de cada estudo: comunidade, estratificação da amostra, número de entrevistas sociolinguísticas e variáveis sociais estatisticamente significativas, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Informações sobre os estudos selecionados²

Comunidade	Estratificação da amostra	Nº de entrevistas	Variáveis sociais significativas
Maceió	sexo/gênero (masculino/feminino) faixa etária (15-29 anos / 30-44 anos / + 44 anos) escolaridade (EF / EM / ES)	72	Escolaridade Faixa etária
Palmeira dos Índios	sexo/gênero (masculino/feminino) faixa etária (18-30 anos / 40-55 anos / + 65 anos) escolaridade (EF / ES)	24	Escolaridade
Sertão	sexo/gênero (masculino/feminino) faixa etária (18-29 anos / 30-44 anos / + 44 anos) escolaridade (EO / EF / EM / ES)	96	Escolaridade
Comunidade Quilombola Serra das Viúvas	sexo/gênero (masculino/feminino) faixa etária (25-50 anos / + 60 anos)	20	Faixa etária Sexo/gênero
Zona rural de Pariconha	sexo/gênero (masculino/feminino) faixa etária (18-29 anos / 30-44 anos / + 44 anos) escolaridade (EF / EM / ES)	36	Faixa etária Escolaridade

Fonte: elaboração própria

² As abreviações E0, EF, EM e ES significam, respectivamente, sem escolarização, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Essas comunidades, conforme o Mapa 1, ficam localizadas no estado de Alagoas. Maceió fica localizada na costa leste do Brasil e é a capital do estado, possuindo uma população estimada em 1,025 milhão. Palmeira dos Índios está localizada no agreste alagoano e fica a cerca de 136 Km de Maceió, sendo a quarta maior cidade do estado, com uma população estimada em 73.213 habitantes. O Alto Sertão, conforme Mapa 2, representado pela amostra do Projeto Lusa (Vitório, 2020), é constituído pelos municípios de Piranhas, Olho D'Água do Casado, Delmiro Gouveia, Pariconha, Água Branca, Inhapi, Mata Grande e Canapi.

A comunidade quilombola Serra das Viúvas fica localizada no Alto Sertão de Alagoas a 7 km do município de Água Branca e possui cerca de 600 moradores, que estão distribuídos em 70 famílias, com a maior parte dos moradores trabalhando na própria comunidade (Souza, 2020). A zona rural de Pariconha, pertencente ao município de Pariconha, também está situada na região do Alto Sertão alagoano e fica cerca de 314 Km da capital Maceió. O município de Pariconha é constituído por aproximadamente 10.264 habitantes, que vivem majoritariamente na zona rural – 72,76% dos pariconheses residem em povoados e sítios (Silva, 2021).

Após a extração dos dados relevantes para nossa pesquisa, recuperamos os dados de frequências apresentados nos estudos. Consideramos os dados tabulares da variável resposta – frequências de *nós* e *a gente* na posição de sujeito – que nos forneceram a distribuição dessas variantes nas comunidades analisadas, bem como os dados das variáveis previsoras sociais estatisticamente significativas em cada pesquisa. Em seguida, na plataforma R (R Core Team, 2022), executamos testes estatísticos inferenciais e de força de associação, bem como análises de regressão logística generalizada para tornar os dados comparáveis e generalizáveis³.

[...] executamos procedimentos matemáticos para converter as frequências em contagens para realizar testes inferenciais de distribuição (qui-quadrado) e de força de associação (V^2 de Cramer para tabelas $n \times n$, e ϕ para tabela 2×2) em cada uma das amostras dos estudos. O teste de distribuição de qui-quadrado (χ^2) mede a diferença entre a observação esperada e a realizada para variáveis categóricas. Já os testes de associação V^2 e ϕ resultam em um número de 0 e 1, cujo resultado indica a força de associação entre duas variáveis categóricas; quanto mais próximo de 1, maior a força de associação. Para ambos os testes (χ^2 e V^2 ou ϕ), o p-valor assumido foi de 0.05 (Araújo; Freitag, 2021, p. 277).

³ Para o desenvolvimento desta meta-análise, seguimos o tutorial organizado por Freitag (2021) – *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?* Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/meta.html>



Mapa 1 – Mapa do estado de Alagoas

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/maceio.htm>



Mapa 2 – Mapa da localização do Alto Sertão de Alagoas

Fonte: <https://dados.al.gov.br/catalogo/km/dataset/regioes-de-planejamento-estado-de-alagoas/resource/361b1d5c-2a22-4f54-a125-be3efffdab8c>

Seguindo a tendência das pesquisas sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito (Vianna; Lopes, 2015), partimos da hipótese de que *a gente* é a variante preferida nas comunidades alagoanas. Essa hipótese também significa considerar que, em comunidades mais afastadas da capital Maceió e com traços mais rurais, como Pariconha e Serra das Viúvas, há menos realização de *a gente*, o que poderá revelar se, na variedade alagoana, essa variante está mais associada ao movimento

de urbanização, conforme pontua Muniz (2007). Também partimos da hipótese da relevância das variáveis sociais escolaridade e faixa etária⁴.

Resultados e discussões

Para testarmos a hipótese de que *a gente* é a forma preferida na variedade alagoana, mas há uma diminuição no seu percentual de uso em comunidades mais afastadas de Maceió e com traços mais rurais, como a zona rural de Pariconha e a comunidade quilombola Serra das Viúvas, controlamos a variável comunidade. De acordo com o Gráfico 1, observamos que o efeito da comunidade é estatisticamente significativo – $\chi^2(4, n = 2918) = 119.07$ $p < 0.001$, com associação moderada ($V^2 = 0.20$), bem como confirmamos as nossas hipóteses de que *a gente* é a variante preferida, sendo menos usada em comunidades com traços mais rurais.

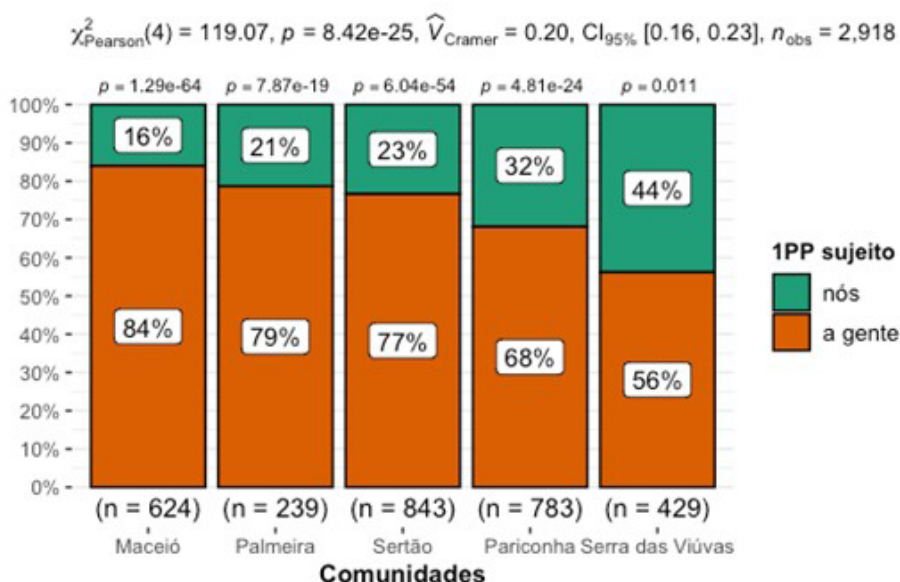


Gráfico 1 – Distribuição de *nós* e *a gente* sujeito quanto à comunidade

Fonte: elaboração própria

Esse conjunto de dados nos mostra percentuais de *a gente* de 84% (n = 524) em Maceió, 79% (n = 188) em Palmeira dos Índios, 77% (n = 646) no Alto Sertão, 68% (n = 533) na zona rural de Pariconha e 56% (n = 241) na comunidade quilombola Serra das Viúvas, corroborando as pesquisas sociolinguísticas que mostram a

⁴ A atuação da variável sexo/gênero na variação em estudo mostrou-se estatisticamente significativa apenas na comunidade quilombola Serra das Viúvas (Souza; Vitória, 2021), conforme Quadro 2, mas, na nossa análise univariada, o efeito da variável foi não significativo, o que nos leva a discussão levantada por Novais e Siqueira (2020) sobre a atuação dessa variável em fenômenos linguísticos variáveis em comunidades do sertão alagoano.

preferência dessa variante nas variedades brasileiras (Vianna; Lopes, 2015). Também observamos que, à medida que nos afastamos da capital Maceió, há uma diminuição no uso de *a gente*, principalmente nas comunidades mais rurais, como a zona rural de Pariconha e a comunidade quilombola Serra das Viúvas.

Para analisarmos o quanto cada amostra contribui para o escore do teste de χ^2 , geramos a Figura 1. O tamanho e a cor do círculo indicam a contribuição de cada fator, com associações positivas entre linhas e colunas apresentadas por círculos em azul e associações negativas por círculos em vermelho. A análise dos resíduos mostra uma associação positiva entre o uso de *a gente* e a comunidade de Maceió, seguida das comunidades de Palmeira dos Índios e Alto Sertão. Por outro lado, observamos uma associação negativa entre o uso *a gente* e as comunidades Pariconha (zona rural) e Serra das Viúvas (comunidade quilombola).

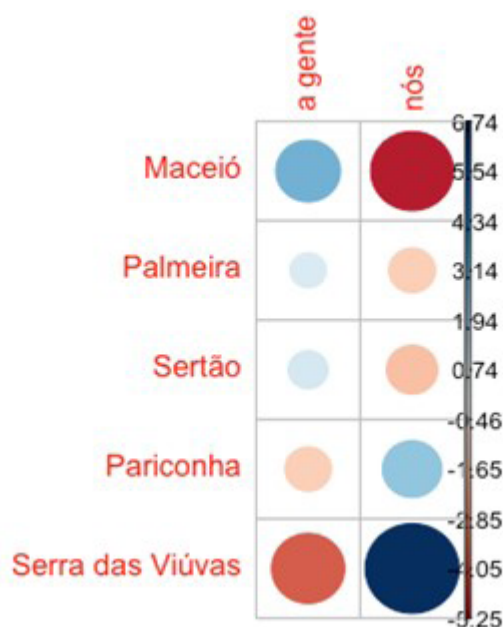


Figura 1 – Matriz de correlação de *nós* e *a gente* e a variável comunidade

Fonte: elaboração própria

Esses dados mostram que há uma associação positiva e estatisticamente significativa entre o uso de *a gente* e a variável comunidade, evidenciando que, nas comunidades mais rurais, como a zona rural de Pariconha e a comunidade quilombola Serra das Viúvas, há um ritmo mais lento de implementação de *a gente*, havendo aqui uma associação positiva entre a variante *nós* e essas comunidades de fala. No entanto, precisamos analisar a atuação dos fatores sociais escolaridade e faixa etária, tendo em vista que a variante inovadora tende a ser favorecida majoritariamente por pessoas mais escolarizadas e mais jovens (Vianna; Lopes, 2015).

Em relação à atuação da variável escolaridade, apresentamos, conforme Tabela 1, os resultados da atuação dessa variável nas comunidades de Maceió (Vitório, 2017), Palmeira dos Índios (Oliveira; Nascimento, 2017), Alto Sertão (Feitosa; Vitório, 2018) e zona rural de Pariconha (Silva, 2023). Os dados obtidos mostram uma análise univariada da distribuição das variantes *nós* e *a gente* na posição de sujeito quanto à escolaridade e revelam que o nível de escolarização é significativo para a escolha dessas variantes nessas comunidades, o que significa considerar que a distribuição de *a gente* é condicionada pela atuação da escola.

Tabela 1 – Distribuição de *a gente* em função da escolaridade

Comunidade	Fatores	Aplic./Total	%	χ^2
Maceió	EF	127 / 136	93%	$\chi^2 (2, n = 624) = 16.43,$ $p = 0.000, V^2 = 0.16$
	EM	156 / 181	86%	
	ES	241 / 307	78%	
Palmeira	EF	77 / 108	71%	$\chi^2 (1, n = 239) = 5.59,$ $p = 0.018, \phi = 0.16$
	ES	111 / 131	85%	
Sertão	EO	82 / 127	65%	$\chi^2 (3, n = 843) = 15.20,$ $p = 0.02, V^2 = 0.13$
	EF	142 / 178	80%	
	EM	169 / 226	75%	
Pariconha	ES	253 / 312	81%	$\chi^2 (2, n = 783) = 29.23,$ $p = 0.000, V^2 = 0.19$
	EF	101 / 193	52%	
	EM	190 / 261	73%	
	ES	241 / 329	74%	

Fonte: elaboração própria

Uma análise geral dos percentuais obtidos revela que, nessas comunidades, *a gente* é a variante preferida em todos os níveis de escolarização. No entanto, também observamos que *a gente* apresenta um percentual mais alto de uso entre os falantes menos escolarizados (EF) de Maceió – 93% (n = 127) e um percentual mais baixo de uso entre falantes menos escolarizados (EF) da zona rural de Pariconha – 52% (n = 101). Parece haver aqui uma oposição entre a atuação da escola e o uso de *a gente* em comunidades com perfil de urbanização diferente, com *a gente* sendo favorecido por falantes mais escolarizados em comunidades rurais.

De acordo Silva (2021), no município de Pariconha, há apenas três escolas estaduais e 23 escolas municipais, que atendem aos estudantes das áreas urbana e rural, não havendo oferta de ensino superior. Isso significa que, na zona rural de

Pariconha, os falantes mais escolarizados deixam a comunidade para estudar, tendo contato com outras normas, e depois retornam, o que pode ser um indício de que uso de *a gente* vem de fora. *A gente* pode ser entendida como uma variante linguística que é trazida pelos falantes mais escolarizados, que entram em contato com falantes de áreas mais urbanizadas, sendo considerada uma forma externa à comunidade.

Em Maceió, Vitório (2017) analisa três níveis de escolarização – EF, EM e ES – e mostra que quanto mais escolarizado o falante menos a realização de uso da variante inovadora *a gente* – 93% (n = 127) para o EF, 86% (n = 156) para o EM e 78% (n = 307) para o ES. Esses dados revelam que, nessa comunidade de fala, a escola atua como um agente inibidor dessa variante. Em Palmeira dos Índios, Oliveira e Nascimento (2017) consideram apenas dois níveis de escolarização – EF e ES – e mostram que são os falantes mais escolarizados que mais favorecem o uso de *a gente*, com percentuais de 71% (n = 77) para o EF e 85% (n = 111) para o ES.

Na comunidade do Alto Sertão, Feitosa e Vitório (2018) consideram quatro níveis de escolarização – E0, EF, EM e ES – e mostram que são os falantes sem escolarização (E0) que menos usam a variante *a gente*, com percentual de 65% (n = 82) contra 80% (n = 142), 75% (n = 169) e 81% (n = 253) para os falantes dos EF, EM e ES, respectivamente. Na zona rural de Pariconha, Silva (2023) analisa três níveis de escolarização – EF, EM e ES – e também observa que quanto maior o nível de escolarização dos falantes maior é o percentual de uso de *a gente* – 52% (n = 101) para o EF, 73% (n = 190) para o EM e 74% (n = 242) para o ES.

Ao analisarmos a associação entre a seleção de *nós* e *a gente* e a variável escolaridade, geramos uma matriz de correlação, conforme Figura 2, que, através da análise dos resíduos, mostra a contribuição de cada nível de escolarização para o uso dessas variantes. A contribuição de cada fator é indicada pelo tamanho e cor do círculo, com círculos em azul apresentando associações positivas entre linhas e colunas, e círculos em vermelho associações negativas. Os dados mostram, com exceção de Maceió, uma associação positiva entre o uso de *a gente* e o fator ES, principalmente na comunidade de Palmeira dos Índios, revelando que são os falantes do ensino superior (ES) que mais contribuem para o uso de *a gente* nessas comunidades. Em Maceió, observamos que o fator ES apresenta associação positiva com a variante *nós*.

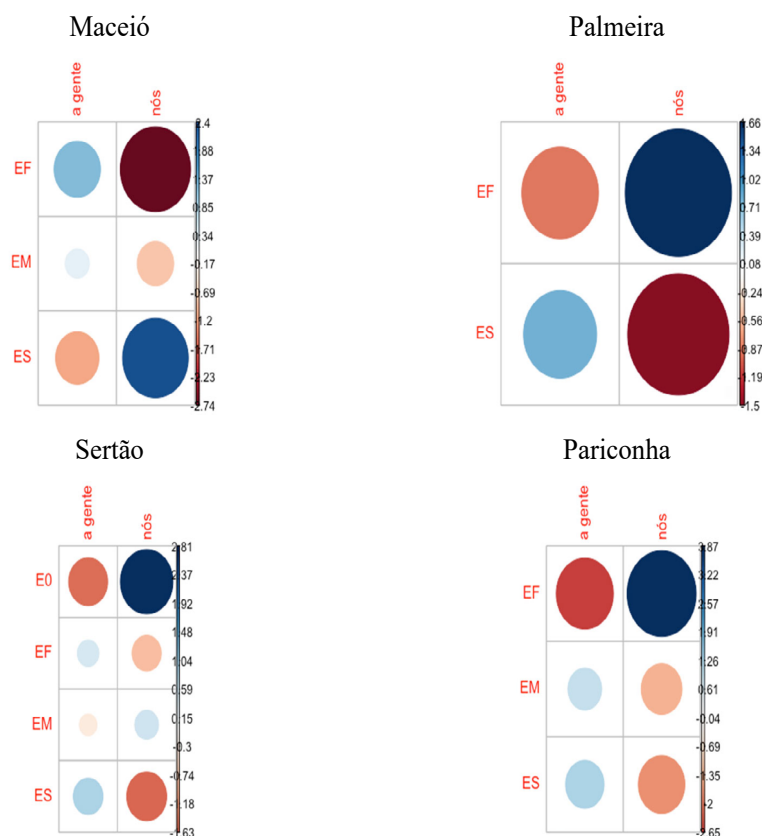


Figura 2 – Matriz de correlação de *nós* e *a gente* e a variável escolaridade
Fonte: elaboração própria

Com o objetivo de tornar os dados desses estudos comparáveis e, dessa forma, apresentar uma generalização para as chances de uso de inserção de *a gente* nessas comunidades tomando por base a atuação da variável escolaridade, realizamos uma meta-análise através de um modelo de regressão linear generalizada, conforme podemos observar no Gráfico 2. Os valores apresentados estão relacionados à estimativa (coeficientes β) de realização da variante inovadora *a gente*, à estatística *Z* e ao *p-valor* do *intercept*, que representam modelos construídos a partir do nível de escolarização mais baixo de cada comunidade.

Os dados mostram coeficientes (β) positivos, que indicam que o uso de *a gente* se torna mais provável nas seguintes comunidades pelos falantes menos escolarizados: Maceió, Palmeira, Sertão e Pariconha, por ordem de maior favorecimento. No entanto, na comunidade rural de Pariconha, não identificamos diferenças significativas ($p = 0.517$) quanto ao uso dessa variante. Esses resultados indicam um *continuum* quando se passa de uma comunidade mais urbana a mais rural, com a variante inovadora *a gente* diminuindo suas chances de uso por falantes menos escolarizados quando operamos em um *continuum* de mais urbano a mais rural.

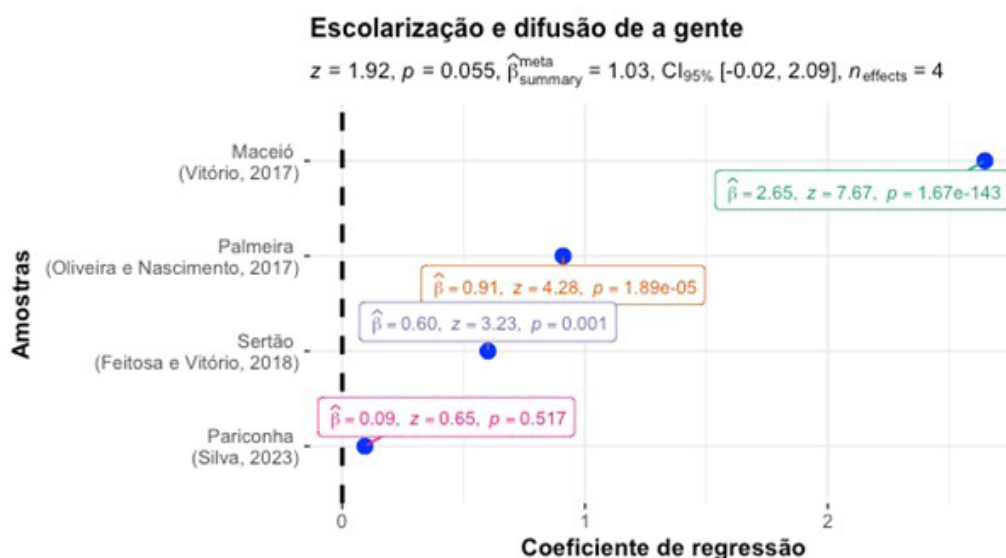


Gráfico 2 – Chances de uso de *a gente* quanto à variável escolaridade

Fonte: elaboração própria

Em relação à atuação da variável faixa etária na inserção de *a gente*, apresentamos, conforme Tabela 2, os dados da atuação dessa variável nas comunidades de Maceió (Vitório, 2017), zona rural de Pariconha (Silva, 2023) e na comunidade quilombola Serra das Viúvas (Souza; Vitório, 2021), através de análises univariadas da distribuição das variantes *nós* e *a gente*. Os dados mostram que a faixa etária é significativa para a escolha dessas variantes nessas comunidades, o que significa considerar que a distribuição não é aleatória, bem como que estamos diante de um cenário de uma mudança em progresso na direção de *a gente*.

Tabela 2 – Distribuição de *a gente* em função da faixa etária

Comunidade	Fatores	Aplic./Total	%	χ^2
Maceió	18 a 29 anos	157 / 161	97%	$\chi^2 (2, n = 624) = 71.81,$ $p = 0.000,$ $V^2 = 0.33$
	30 a 44 anos	192 / 210	91%	
	mais de 44 anos	175 / 253	69%	
Pariconha	18 a 29 anos	155 / 190	82%	$\chi^2 (2, n = 783) = 21.14,$ $p = 0.000,$ $V^2 = 0.16$
	30 a 44 anos	233 / 363	64%	
	mais de 44 anos	145 / 230	63%	
Serra das Viúvas	25 a 50 anos	189 / 304	62%	$\chi^2 (1, n = 429) = 14.40,$ $p = 0.000,$ $V^2 = 0.18$
	mais de 60 anos	52 / 125	42%	

Fonte: elaboração própria

Nas comunidades de Maceió (Vitório, 2017) e Pariconha (Silva, 2023), observamos que as autoras estratificaram a variável levando em consideração os mesmos fatores (18 a 29 anos, 30 a 44 anos e mais de 44 anos), bem como que *a gente* diminui o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes. Na comunidade quilombola Serra das Viúvas (Souza; Vitório, 2021), também verificamos o mesmo padrão: há uma diminuição no uso de *a gente* com o aumento da faixa etária, mas, nessa comunidade, a estratificação da variável foi realizada levando em consideração apenas dois fatores: 25 a 50 anos e mais de 60 anos.

Através da análise dos resíduos, que nos permite verificar a contribuição de cada nível da variável faixa etária para o uso de *nós* e *a gente* nessas comunidades, geramos uma matriz de correlação, conforme Figura 3. O tamanho e a cor do círculo indicam a contribuição de cada fator, com círculos em azul indicando associações positivas entre linhas e colunas e círculos em vermelho associações negativas. Em Maceió, os fatores que mais contribuem para o uso de *a gente* são 18 a 29 anos e 30 a 44 anos, na zona rural de Pariconha, temos a maior contribuição do fator 18 a 29 anos, e, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, observamos que é o fator 25 a 50 anos que mais contribui. A associação entre essas variantes e os níveis da variável faixa etária mostra uma associação positiva entre o uso de *a gente* e os falantes mais jovens.

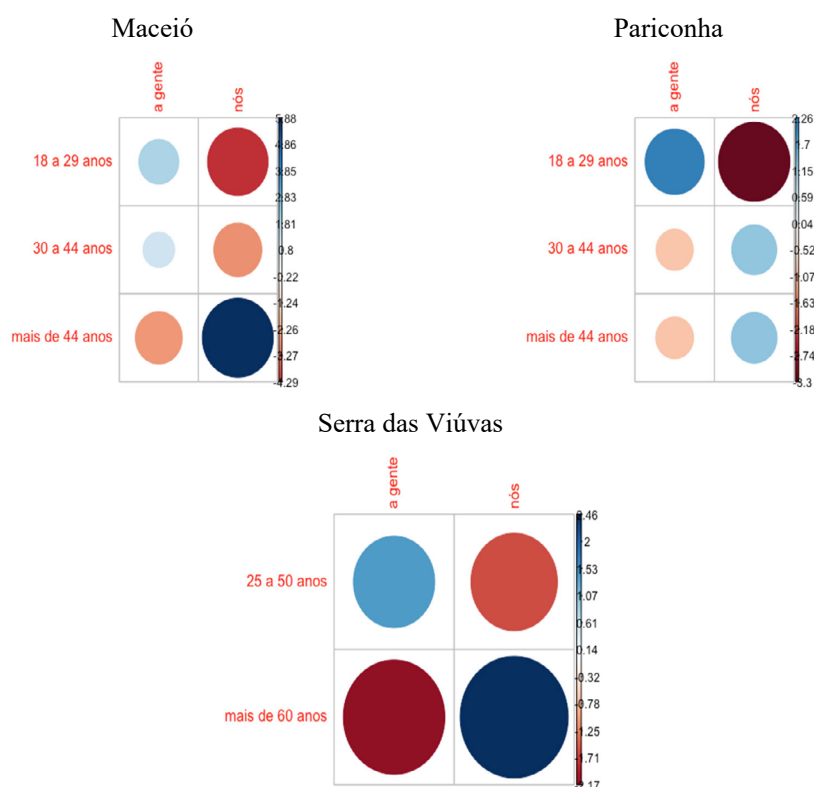


Figura 3 – Matriz de correlação de *nós* e *a gente* e a variável faixa etária

Fonte: elaboração própria

A fim de analisar as chances de uso da variante *a gente* quanto à variável faixa etária *e*, dessa forma, tornar os dados mais comparáveis, construímos modelos de regressão linear generalizada para cada estudo considerado. Em seguida, geramos uma representação gráfica, conforme podemos observar no Gráfico 3, com os parâmetros do *intercept* – uso de *a gente* entre os falantes mais jovens dessas comunidades. O Gráfico mostra as estimativas ($\hat{\beta}$) de realização de *a gente*, com coeficientes positivos indicando que essa variante se torna mais provável de acontecer entre os falantes mais jovens das comunidades, a estatística *Z* e o valor de *p*.



Gráfico 3 – Chances de uso de *a gente* quanto à variável faixa etária

Fonte: elaboração própria

Os coeficientes ($\hat{\beta}$) positivos e estatisticamente significativos mostram que o uso de *a gente* se torna mais provável nas seguintes comunidades pelos falantes mais jovens: Maceió, Pariconha e Serra das Viúvas, por ordem de maior favorecimento. Esses dados mostram que estamos diante de um processo de mudança em curso na direção de uso de *a gente*, mas, em comunidades com traços mais rurais, como a zona rural de Pariconha e a comunidade quilombola Serra das Viúvas, há um ritmo mais lento da difusão dessa variante. Áreas com traços mais rurais tendem a retardar o processo de substituição de *nós* por *a gente*.

Conclusão

O mapeamento sociolinguístico da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito realizado por Vianna e Lopes (2015) indica que, nas variedades do português brasileiro,

há um processo de mudança em curso na direção de *a gente*, com essa variante sendo favorecida por jovens, mulheres e pessoas mais escolarizadas. As autoras também destacam que esse processo tende a ser mais lento em comunidades com traços mais rurais, argumentando que o espaço urbano favorece mais a implementação dessa variante, ao passo que comunidades mais rurais tendem a retardá-la. *A gente* é uma variante linguística que chega com o processo de urbanização.

Com o objetivo de apresentar generalizações sobre o que as descrições socio-linguísticas têm mostrado sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na variedade alagoana, realizamos um estudo de meta-análise de cinco pesquisas sobre esse processo linguístico variável em comunidades de fala alagoanas (Vitório, 2017; Oliveira; Nascimento, 2017; Feitosa; Vitório, 2018; Souza; Vitório, 2021; Silva, 2023). Para tanto, tomamos por base a interferência das variáveis sociais comunidade, escolaridade e faixa etária, de modo a responder à seguinte questão: qual o comportamento de *a gente* na variedade alagoana?

Nossos dados mostram que *a gente* é a variante preferida nas comunidades analisadas, mas com um percentual de uso menor em comunidades com traços mais rurais, o que pode sugerir que estamos diante de um processo de mudança que seja condicionado pelo *continuum* rural/urbano (Bortoni-Ricardo, 2004). Também observamos que *a gente* é a variante preferida em todos os níveis de escolarização, mas diminui suas chances de uso entre falantes menos escolarizados quando operamos em um *continuum* de mais urbano a mais rural, o que pode ser um indício de que essa variante seja externa às comunidades que apresentem traços mais rurais.

No que diz respeito à atuação da variável faixa etária, observamos uma associação positiva entre o uso de *a gente* e os falantes mais jovens, o que parece indicar, em uma análise de tempo aparente, que estamos diante de um processo de mudança linguística na direção de *a gente*, conforme pontuam Vianna e Lopes (2015). No entanto, é importante observar que há um ritmo mais lento de implementação dessa variante nas comunidades que apresentam traços mais rurais, retardando assim o processo de substituição de *nós* por *a gente* na variedade alagoana. *A gente* é mais favorecido por falantes mais jovens que vivem em espaços urbanos.

Esses dados chamam a atenção para a necessidade de estudos que focalizem a atuação do *continuum* de urbanização na difusão *a gente*, pois, conforme Mendes (2007), *a gente* parece ser uma variante trazida por falantes que têm mais contato com grandes centros urbanos, podendo ser uma variante externa à comunidade rural. Isso significa considerar que precisamos voltar nosso olhar para a difusão de *a gente* em comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos. Outra necessidade, conforme pontuam Araújo e Freitag (2021), é o uso de ferramentas estatísticas, como a abordagem de meta-análise, para a comparação de dados sociolinguísticos.

O uso dessa metodologia para a sistematização de dados linguísticos variáveis nos possibilita olhar para processos de variação e mudança linguísticas de forma mais generalizada. No entanto, precisamos olhar para as descrições sociolinguísticas durante o processo de revisão de literatura de forma mais sistemática, através de uma questão de pesquisa que nos levará a critérios de seleção e exclusão de estudos para a nossa revisão sistemática. Nesse contexto, esperamos que nosso trabalho contribua para a agenda sociolinguística sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, oferecendo uma visão da realidade linguística alagoana.

Referências

- ARAÚJO, S.; FREITAG, R. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 266-294, 2021.
- BAENA, C. Revisão sistemática e metanálise: padrão ouro de evidência? *Revista Médica do HC-UFPR*, v. 1, n. 2, p. 71-74, 2014.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e sociedade*, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- COSTA, A.; FONTANARI, A.; ZOLTOWSKI, A. Como escrever um artigo de revisão sistemática: um guia atualizado. In: SAMPAIO, M.; SABADINI, A.; KOLLER, S. (org.). *Produção científica: um guia prático*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.
- FEITOSA, J.; VITÓRIO, E. Variação *nós/a gente* no sertão alagoano: restrição e avaliação. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 199-211, 2018.
- FOEGER, C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- FREITAG, R. *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?* 2021. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/meta.html>. Acesso: em: 30 jul. 2023.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

- LOVATTO, P. *et al.* Meta-análise em pesquisas científicas – enfoque em metodologias. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 36, p. 285-294, 2007.
- MAIA, F. *A variação “nós” / “a gente” no dialeto mineiro: investigando a transição*. 2003. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MENDES, R. *O perfil da alternância do sujeito “nós” e “a gente” em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- MENDONÇA, J. O controle dos traços semânticos de *nós* e *a gente* em estudos variacionistas. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, SP, v. 64, p. 1-16, 2022.
- MUNIZ, L. *On the use of “a gente” in Brazilian Portuguese*. Independent Study, Fall, 2007.
- NOVAIS, V.; SIQUEIRA, M. A variável sexo/gênero no português falado no sertão alagoano. *Leitura*, n. 66, p. 35-50, 2020.
- OLIVEIRA, A.; NASCIMENTO, R. A alternância pronominal entre *nós* e *a gente* em Palmeira dos Índios. In: SANTOS, F.; OLIVEIRA, A. (org.). *Linguagem, uso e ensino*. Arapiraca: EDUNEAL, 2017. p. 15-29.
- OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (org.). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.
- PINTO, L.; BERLINCK, R. “O que que nói vamos falá?”: significados sociais na variação/mudança da expressão de 1ª pessoa plural em duas comunidades rurbanas mineiras. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 36-58, 2022.
- R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. 2022. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- ROEVER, L. *Guia prático de revisão sistemática e metanálise*. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publicações, 2020.
- SANTOS, P. *Meta-análise dos estudos de negação verbal nas regiões Nordeste e Sudeste: investigação da relevância dos condicionamentos sociais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2023.
- SILVA, A. *Concordância verbal com o pronome nós na zona rural de Pariconha – AL*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- SILVA, L. A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha – AL. In: DE PAULA, A.; VITÓRIO, E. *30 anos Programa de Estudos em Linguística (PRELIN – PPGLL/UFAL): Estudos em Variação e Mudança Linguística*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p 149-169.
- SOUZA, M. *A Variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas / Água Branca – AL*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

- SOUZA, M.; VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas. *Letras em Revista*, Teresina, v. 12, p. 121-138, 2021.
- VIANNA, J.; LOPES, C. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- VITÓRIO, E. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória-ES, v. 9, n. 14, p. 126-141, 2015a.
- VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 128-143, 2015b.
- VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió/AL. *Interdisciplinar*, Sergipe, v. 24, p. 159-172, 2016.
- VITÓRIO, E. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 122-138, 2017.
- VITÓRIO, E. A Língua Usada no Sertão Alagoano: constituição da amostra. In: OLIVEIRA, A.; PAULA, A. (org.). *Interfaces Sociolinguísticas: análises variacionistas em Alagoas e Pernambuco*. Arapiraca: Eduneal, 2020.
- VOSGERAU, D.; ROMANOWSKI, J. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.